

## Introdução

# *Os homens são inimigos de Deus por natureza*

“Porque se nós, quando éramos inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de Seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela Sua vida” (Romanos 5.10)

O apóstolo, desde o princípio da epístola, até o início deste capítulo, insistiu na doutrina da justificação somente pela fé. Neste capítulo, ele continua de forma a considerar os benefícios consequentes para a justificação, a saber: paz com Deus, felicidade presente e esperança de glória. A paz com Deus é mencionada no versículo 1: “Portanto, justificados pela fé, temos paz com Deus, por meio de nosso Senhor Jesus Cristo”. Nos versículos seguintes, menciona a bem-aven-

turança presente e da esperança da glória: “por intermédio de quem obtivemos também acesso pela fé a esta graça, na qual estamos firmes, e nos gloriamos na esperança da glória de Deus” (v. 2). O apóstolo observa em particular duas coisas a respeito desse benefício: a esperança da glória, ou seja, a natureza abençoada dessa esperança e seu fundamento indubitável.

1. Ele insiste na natureza abençoada da esperança, na medida em que nos permite gloriarmos nas tribulações. A excelente natureza da verdadeira esperança cristã é descrita nas seguintes palavras: “E não somente isso, mas também nos gloriamos nas tribulações; sabendo que a tribulação produz perseverança, e a perseverança, a aprovação, e a aprovação, a esperança; e a esperança não causa decepção, visto que o amor de Deus foi derramado em nosso coração pelo Espírito Santo que nos foi dado” (v. 3-5). É como se ele tivesse dito: Por meio da esperança de uma recompensa abençoada, que compensará de forma abundante todas as tribulações, somos capacitados a suportar a tribulação com paciência; pacientemente suportando e aguardando a recompensa. E a paciência trabalha a experiência; pois, quando suportamos a tribulação com paciência aguardando a recompensa, isso

traz a experiência da seriedade da recompensa, a saber, o recebimento do Espírito — em nosso sentimento, o amor divino derramado amplamente em nosso coração pelo Espírito Santo. De forma que nossa esperança não nos deixa envergonhados: ela não é desapontada. Pois em meio à tribulação, experimentamos os dividendos abençoados do Espírito na alma, que tornam até o momento de tribulação doce para nós e é tão sério quanto abundantemente confirma nossa esperança. É assim que a experiência trabalha a esperança.

2. O apóstolo observa a certeza do terreno que há para essa esperança ou a evidência farta que temos, da obtenção da glória esperada, na paz com Deus, pela justificação no sangue de Cristo. Pois, enquanto estávamos sem força, no tempo devido Cristo morreu por nós; mesmo quando éramos ímpios e pecadores, inimigos de Deus e de Cristo. (cf. v. 6-10). O argumento do apóstolo é muito claro e forte. Se Deus já havia feito algo tão grande por nós, que foi nos dar Cristo para morrer e verter Seu sangue precioso por nós, o que foi maior que todas as coisas, não precisamos duvidar de que Ele nos concederá vida. É uma coisa pequena para Deus conceder vida eterna

verdadeira depois de ela já ter sido comprada em comparação ao que Lhe significou dar o Próprio Filho para morrer de forma a adquiri-la. A cessão de Cristo para comprá-la significou quase tudo: incluiu toda a graça divina na salvação. Quando Cristo comprou a salvação por um preço tão alto, toda a dificuldade foi superada, tudo foi consumado na prática e pronto. Em sentido comparativo, é algo pequeno Deus conceder a salvação, depois de ela ter sido comprada a um preço tão completo. Os pecadores justificados pela morte de Cristo, já estão praticamente salvos: a coisa está, por assim dizer, feita: resta não mais que a consequência necessária do ato. Cristo, ao morrer, acabou com o pecado; e, quando ressuscitou dentre os mortos, Ele quase se elevou com os eleitos: Ele os trouxe consigo da morte e ascendeu ao céu com eles. Portanto, tendo isso se concretizado, somos nós assim reconciliados com Deus por meio da morte de Seu Filho, não precisamos mais temer, pois, seremos salvos por Sua vida. O amor divino aparece muito mais no ato de dar Seu Filho para morrer pelos pecadores que em conceder vida eterna após a morte de Cristo.

A entrega de Cristo para morrer por nós é aqui referida como algo muito maior que a con-